

APRESENTAÇÃO

Publicamos o número 57 da *Revista da SEP* em um contexto que permanece bastante grave. A crise global anunciada, e catalisada pela pandemia de covid-19, segue seu trágico curso marcado por retração econômica, desemprego, miséria, precarização do trabalho, e tantas outras mazelas sociais dela decorrente. Ao mesmo tempo, acirram-se as tensões geopolíticas e, em particular, a dimensão coercitiva da hegemonia norte-americana, cujos desmandos representam novas fontes de instabilidade econômica. Em escala mundial, no final de setembro a covid-19 já havia feito mais de 1 milhão de vítimas fatais, e contaminado dezenas de milhões de pessoas. No Brasil, até meados de novembro, e a despeito de grande subnotificação, já se somava mais de 160 mil mortos, cuja magnitude poderia ser evitada mediante comunicação e adoção de políticas mais efetivas no combate à pandemia, principalmente por parte do governo federal. Via de regra, trata-se das vítimas de sempre: pessoas pobres, negras, sem acesso a saneamento básico e ao devido atendimento hospitalar, portadoras de doenças pré-existentes relacionadas ao pauperismo, e premidas pela sobrevivência a se exporem diariamente ao contágio.

Como era de se esperar, essa gestão catastrófica da pandemia fez com que seus impactos sobre a economia brasileira fossem particularmente severos em comparação com o restante do mundo. Desse modo, o quadro econômico recessivo que se anunciava no final de 2019 e no início de 2020 degenera-se numa verdadeira depressão, com drástica contração do

nível de atividade, desemprego galopante, recrudescimento da pobreza e da subnutrição, agravado pela forte elevação do preço dos alimentos, dentre outros fatores.

Nesse mesmo contexto, vê-se avançar a implementação de técnicas de vigilância e de controle social coercitivo, bem como a intolerância, o reacionarismo, o obscurantismo, o fanatismo, que marcam a forte ascensão da extrema direita no Brasil e no mundo. Não obstante, grande parte desse avanço tem por base a agudização dos antagonismos sociais inerentes a um tipo de sociabilidade que nada tem a oferecer senão a acumulação de barbárie, como produto necessário da dinâmica contemporânea de acumulação de capital. Seu caráter cada vez mais predatório em relação à população trabalhadora e à natureza revela seus limites históricos. Logo, a resposta oferecida pela condução dos governos de extrema direita revela-se falsa, e está longe de ser a única possível, de tal modo que também é possível prever, proximamente, novas vagas de lutas populares, além das que já se encontram em curso, e que podem eventualmente inaugurar outros horizontes.

Direta ou indiretamente, este número da *Revista da SEP* traz artigos que buscam contribuir com a análise crítica dos dilemas impostos por esta conjuntura, e, também, com a reflexão sobre as perspectivas que se abrem. O primeiro deles, intitulado “A instabilidade do sistema monetário internacional e estratégias recentes dos países emergentes”, de autoria de Adriano Vilela Sampaio e de Maurício Weiss, analisa a atual configuração do sistema monetário internacional à luz das turbulências econômicas que caracterizam o capitalismo contemporâneo, em particular a partir da crise mundial deflagrada em 2007/2008. Destaca-se aqui a investigação sobre o sentido e os limites dos posicionamentos de um conjunto dos assim chamados países emergentes diante de tal contexto, sobretudo no que tange à criação da “rede global de proteção financeira” (*global financial safety net* - GFSN).

No texto seguinte, “Valor como Forma de Mediação Social: Interpretação de Marx a partir de Postone”, Paulo Henrique Furtado de Araujo e Mário Duayer, valendo-se da obra de Moishe Postone, analisam o valor e sua

substância, o trabalho abstrato, como formas elementares de mediação social e de dominação abstratas, cujo movimento tautológico de autorreprodução constitui, objetiva e subjetivamente, as diferentes dimensões da vida social moderna.

O terceiro artigo, “Increasing inequality in working time: an international trend”, de Lygia Sabbag Fares e Ana Luíza Matos de Oliveira, investiga, com base em abundantes evidências empíricas, relevantes tendências que caracterizam as relações de trabalho na atualidade, em escala mundial, sob a égide da “flexibilização”. Salientam-se seus efeitos deletérios sobre a população trabalhadora em geral, e, em particular, o incremento da exploração do trabalho feminino e das desigualdades de gênero nos mercados de trabalho.

Na sequência, o artigo “Apontamentos acerca da origem do debate sobre heranças na visão da economia política clássica e Marx”, de Antonio Albano de Freitas, Alexis Saludjian e Eduardo Costa Pinto, resgata as origens das querelas em torno do papel que têm as heranças no processo de constituição de patrimônio e na reprodução e concentração intergeracional da riqueza, tendo por base principal as análises de Adam Smith, John Stuart Mill e Karl Marx.

Já no artigo “Uneven and combined development as a methodological tool: a dynamic approach after a dialogue between Kondratiev and Trotsky”, o autor Eduardo da Motta e Albuquerque sustenta a pertinência de se atualizar a análise de Leon Trotsky para a compreensão do capitalismo contemporâneo e das relações que se estabelecem entre os países capitalistas centrais e periféricos, em particular à luz dos impactos provocados mundialmente pelas revoluções tecnológicas, cuja análise nutre-se da obra de Nicolai Kondratiev.

No sexto e último texto da sessão de artigos, intitulado “Crise do capital, Estado e neofascismo: Bolsonaro, saúde pública e atenção primária”, Aquilas Mendes e Leonardo Carnut articulam duas análises: a do caráter neofascista do bolsonarismo, emergente num contexto de crise econômica

com importantes repercussões sobre o Estado e, em suas manifestações mais concretas, na constituição de um regime político restrito e fortemente autoritário. Com base nesse arcabouço conceitual, os autores analisam o novo modelo de alocação de recursos federais à Atenção Primária à Saúde (APS) do Sistema Único de Saúde (SUS), que confronta o seu princípio de universalidade em favor do grande capital que encontra no setor da saúde um terreno fértil para sua reprodução.

Na sessão de resenhas, Marcelo Pereira Fernandes trata do livro *Karl Marx e o nascimento da sociedade Moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra. (Volume 1: 1818-1841)*, de Michael Heinrich, um importante estudioso do pensamento de Marx, que se vale aqui de um vasto leque de biografias e interpretações da obra marxiana, bem como de textos que têm sido disponibilizados nos últimos anos no âmbito do projeto da MEGA-2.

Também neste número registramos nossos agradecimentos à Coordenação para Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), que mais uma vez contribuiu com apoio financeiro para a realização da presente edição da *Revista da SEP*, como subproduto do nosso XXV Encontro Nacional de Economia Política, que também contou com o apoio da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e que, a despeito de seu caráter virtual e das circunstâncias adversas, foi bastante exitoso.

Novembro de 2020,

Os/as Editores/as